

A ORDEM NATURAL DAS COISAS

*Primeiro o incêndio, depois o telhado, só então a pintura.
Um ensaio agrosófico sobre a hierarquia da ação humana.*

AINOR FRANCISCO LOTÉRIO

Existe uma sabedoria que a lavoura ensina antes de qualquer manual. Quando a praga chega, o agricultor inexperiente corre para cortar a folha doente e sente-se aliviado, porque o mal saiu da sua vista. O agricultor experiente corta a folha também, mas antes disso ele caminha até a divisa, examina o solo, procura a fresta por onde a praga entrou. Ele sabe que a folha é sintoma, não é causa. E sabe, sobretudo, que enquanto a porta permanecer aberta, cada folha cortada será substituída por dez outras, até que a lavoura inteira amanhã seja tomada.

Isto vale para a terra. Vale para tudo.

Primeiro se apaga o incêndio. Depois se conserta o telhado. Só então se pinta a parede. Quem inverte esta ordem não está sendo apenas ineficiente, está sendo negligente com aquilo que lhe foi confiado. A tinta sobre a madeira podre é a mais elegante forma de mentira.

Quem começa pela pintura perde a casa. Esta frase não é retórica, é diagnóstico. E o diagnóstico que proponho neste ensaio é simples, embora sua aplicação exija coragem: toda esfera da vida humana obedece a uma hierarquia de urgência que não pode ser negociada. Chamo esta hierarquia de ordem natural das coisas, e ela se organiza em três tempos. O tempo do incêndio, que é o tempo da verdade. O tempo do telhado, que é o tempo da estrutura. E o tempo da pintura, que é o tempo da aparência. Cada um destes tempos é legítimo. Nenhum deles é dispensável. Mas invertê-los é perder a casa.

1. NA VIDA PESSOAL

O incêndio, aqui, é aquilo que consome por dentro sem pedir licença. A mágoa não perdoada, o vício disfarçado de costume, a mentira que contamos a nós mesmos para dormir tranquilos. Estas coisas não se resolvem com autoajuda, com frase motivacional afixada na geladeira, com resolução de ano novo. Estas coisas se resolvem com verdade, e a verdade dói antes de curar.

O telhado é a estrutura interior, aquilo que nos protege quando a chuva vem. É a disciplina do pensamento, aquilo que denomino Inteligência Orientada, a capacidade de conduzir o pensamento antes que a emoção conduza a nós. É a oração diária, o silêncio, o exame de consciência. É saber quem se é quando ninguém está olhando. Entre o estímulo e a resposta existe um espaço, e naquele espaço reside a nossa liberdade. Quem não constrói o telhado interior vive à mercê do primeiro estímulo que passa.

A pintura é a aparência, os hábitos visíveis, a boa forma, o vestuário, a maneira de falar. Nada disso é desprezível. Mas nada disso sustenta uma vida. Homem que cuida da imagem e negligencia a alma é casa recém-pintada com o forro cedendo.

Ordem: verdade, estrutura, aparência. Nunca o contrário.

2. NA VIDA PROFISSIONAL

O incêndio é a ilegalidade, a falta de ética, o compromisso assumido e não cumprido, a relação envenenada dentro da equipe. Enquanto isto arde, nenhum planejamento estratégico tem valor. Reunião de metas em empresa onde há injustiça é reunião sobre o teto de uma casa em chamas.

O telhado é a governança, o processo, a clareza sobre quem responde pelo quê. É o contrato bem feito, a sucessão pensada, a transparência dos números, a agenda ambiental e social tratada como estrutura e não como discurso. É aquilo que impede que a chuva do primeiro imprevisto encharque tudo. Muita empresa familiar bem intencionada morre não por falta de amor, mas por falta de telhado.

A pintura é o marketing, a logomarca, o site, a apresentação impecável. Serve, e serve bem, mas serve depois. Empresa que investe em fachada antes de investir em estrutura está pintando a parede de uma casa que já vendeu sem saber.

3. NA FAMÍLIA

O incêndio é o ressentimento entre irmãos, a infidelidade, o silêncio de anos, a criança que cresce sem referência de firmeza. Escrevi um livro inteiro sobre isto, porque pais frouxos geram filhos sofredores e pais firmes geram filhos felizes. A frouxidão parece amor, mas é abandono elegante.

O telhado é a aliança, é o pacto, é a rotina do encontro. É a mesa posta, é a refeição partilhada, é o costume de estar junto quando não há motivo especial para estar. Casa sem mesa é casa sem telhado. A mesa é onde a família descobre que ainda é família, e onde o solo, o alimento e a palavra se encontram na mesma superfície de madeira.

A pintura é a foto de fim de ano, a viagem, o presente caro. Coisas boas, todas elas. Mas se a mesa está vazia durante o ano inteiro, a foto de dezembro é apenas o retrato de uma casa bonita e vazia.

E aqui repito o que carrego como fundamento: Deus, eu, e a companheira de vida. Deus, invisível, primeiro. Os dois visíveis, configurando a pessoa até que um dia ela encontre Aquele que é invisível. Isto é a aliança plena. Retire uma destas três colunas e o telhado cede.

4. NA VIDA PÚBLICA

O incêndio é a corrupção. Não há como discutir política pública séria enquanto o recurso é desviado. Não há debate sobre educação, sobre saúde, sobre estrada, que sobreviva à sangria. Quem administra e não estanca a sangria primeiro está pintando a parede do hospital enquanto o paciente perde sangue no corredor.

O telhado é a instituição. É a lei cumprida, é o concurso público honesto, é o servidor que se entende a serviço do bem comum e não do próprio nome. Fui prefeito, fui assessor legislativo, fui diretor estadual de extensão rural. Aprendi que a instituição é o telhado que protege o cidadão do temporal do arbítrio.

A pintura é a obra inaugurada com fita e discurso. É legítima, é necessária, é o que se vê. Mas o povo experiente já aprendeu a desconfiar de gestão que só sabe pintar.

5. NA COMUNIDADE

O incêndio é a divisão, é o vizinho que deixou de falar com o vizinho, é a fofoca que corre mais rápido que o socorro. Comunidade dividida não constrói nada, apenas administra o próprio rancor.

O telhado é a associação, é a cooperativa, é o mutirão. Meu pai, Auri Fábio Lotério, foi cooperativista fundador. Ele me ensinou sem palavra escrita que o cooperativismo é o telhado que muita gente ergue junta, porque sozinho ninguém alcança a cumeeira. O associativismo é o pai, o cooperativismo é o filho. E ambos existem porque alguém entendeu que a chuva cai sobre todos.

A pintura é a festa, é a bandeira, é o nome da comunidade estampado no portal de entrada. Alegria, celebra. Mas celebre-se depois de erguer o telhado, e não em vez de erguê-lo.

6. O QUE A LAVOURA ENSINA

Toda praga tem uma porta de entrada. Toda casa que cai avisou antes. Todo incêndio começou com uma faísca que alguém viu e resolveu ignorar porque naquele dia estava ocupado com a tinta.

A Agrosafia me ensinou que a terra não perdoa a inversão da ordem. Não se colhe antes de plantar, não se planta antes de arar, não se ara antes de conhecer o solo. Quem tenta pular etapa não engana a terra, engana apenas a si mesmo, e a colheita revela.

Corte a folha doente, sim. Mas vá até a divisa. Encontre a fresta. Feche a porta. Porque enquanto a porta estiver aberta, tudo o que fizermos será apenas cosmética sobre uma casa que já começou a ceder.

E o Evangelho já nos advertiu com clareza definitiva: quem constrói sobre a areia vê a casa cair, e grande é a sua ruína. Quem constrói sobre a rocha permanece, ainda que venham a chuva, os rios e os ventos.

A rocha vem primeiro. Depois o telhado. Só então a tinta.

SOBRE O AUTOR E SOBRE AS FONTES DESTE TEXTO

Este ensaio não nasceu de bibliografia. Nasceu de chão. E convém que o leitor saiba de onde vem cada imagem que aqui se apresenta, porque em Agrosafia a fonte não é a nota de rodapé, é o lugar onde o pé pisou.

Ainor Francisco Lotério é agrônomo, filósofo, teólogo e Diácono Permanente desde 2003. Nasceu na Comunidade de Campestre, em Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de Auri Fábio Lotério e Érica Laurentino Lotério. É casado com Ana Maria Rebelo Lotério, pai de Ainor Manoel e Lucas Manuel, e avô de Helena, Maria e Luiza.

A imagem da praga que não se combate cortando a folha vem da extensão rural. São quatro décadas de campo, da Acaresc à Epagri, até a direção estadual, ensinando e aprendendo com o agricultor que o diagnóstico precede a intervenção. A imagem do telhado erguido em mutirão vem da Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, onde mantém a Chácara Agrosafia e pratica o reflorestamento com espécies nativas da Mata Atlântica, garapuvu e ipê. A convicção de que o associativismo é o pai e o cooperativismo é o filho vem da mesa da casa paterna, onde um cooperativista fundador da CRAVIL falava de coisas que só muito depois encontrariam nome acadêmico.

A seção sobre a vida pública vem do exercício do mandato de Prefeito de Camboriú, da assessoria legislativa na ALESC e da consultoria ao setor cooperativo junto à Emater/RS-Ascar. A seção sobre a

família vem de *Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes*. A noção de Inteligência Orientada, o governo do pensamento sobre a emoção rumo à autonomia racional, atravessa toda a sua obra e encontra desenvolvimento em *A Eternidade em Nós* e em *Um Minuto de Inspiração*. O capítulo sobre cooperativismo e sucessão familiar, publicado em obra coletiva sobre o cooperativismo no contexto da imigração alemã no sul do Brasil, é o antecedente direto do que aqui se diz sobre comunidade. E *Paixão pelo Cooperativismo* é a fonte declarada da sexta seção.

A tríade fundante, Deus, o eu e a companheira de vida, formando a aliança plena, não é citação de ninguém. É confissão. Foi construída ao longo de mais de quinze anos de elaboração da Agrosofia, filosofia de vida que integra a sabedoria agrícola aos valores humanísticos e à vida sustentável, e que o autor não trata como sistema de ideias, mas como maneira de habitar a terra.

Os textos que aqui se cruzam circulam nos portais **www.ainor.com.br** e **www.loterio.com.br**, onde Agrosofia e Cooperativismo constituem os dois eixos maiores, e no programa de rádio *Alegria de Viver*, no ar desde 1989. Foram ditos, antes de escritos, diante de cooperativas, assembleias, prefeituras e comunidades rurais, muitas vezes com uma bicicleta ao lado, porque a ciclomotivação ensina o que a página não alcança: que ninguém se equilibra parado, e que a subida se vence pedalada por pedalada, na ordem, sem pular etapa.

Esta é a bibliografia. Ela tem cheiro de terra molhada.

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, Filósofo, Teólogo e Diácono Permanente

www.ainor.com.br | www.loterio.com.br | ainorfloterio@gmail.com | (47) 99967-5010

Camboriú, Santa Catarina, Brasil, 2026.